



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O 1.º DE MAIO

O PÃO, TIPO ÚNICO

Durante muito tempo reclamou a organização operária o estabelecimento dum tipo único de pão, para que de vez desaparecesse do consumo essa mixórdia inestável, fétida e nociva a que por enquanto se dava o nome de «pão segundo». O tipo único de pão foi finalmente estabelecido, e faz hoje uma semana que se não encontra em venda nas padarias mais um panificação escuro, pesado, desagradável à vista, mas que finalmente ainda ao paladar, caro aliás e dando indícios de ser, para a saúde pública, um dos mais graves. Desta vez se vê que o estabelecimento dum tipo único de pão não representa para a organização operária uma vitória, e antes constitui uma burla das mais ignóbeis e criminosas.

Um tipo único de pão, fabricado em tudo aquilo que os bagos do pão podem dar em substância satisfatória, tem por obrigação ser, antes de tudo, salutar e higiénico, como é que se como na província, nos melhores modestos dos camponeses, que ainda uma semana depois de passado, se mostra apetecível. Mas o pão, embora escuro, é grato ao paladar, é saudável e vitalizante, e nem a outra espécie de alimento vão as populações rurais buscar as forças que dispõem de rudes tarefas a que se entregam. Em contraste absoluto, o tipo único de pão que em Lisboa se vem agora consumindo é simplesmente repugnante. Negro, dum negro superior à do antigo pão de segunda, e, sob todos os pontos de vista, muitíssimo pior do que este.

Algumas das, a berrenda é, o absoluto inestável, e só com a vontade de comer, choro a obliterar todas as delicadezas do paladar se conseguem mascarar com enjôo algumas dentadas de repugnante mistela. Para os rigores usos domésticos, o pão antigo, com eleio, único, é tudo o que há de mais impróprio e insuportável, não admite a junção com a manteiga, nem o contacto com o café, nem a aproximação com o chá; e procurar fazer com ele a tradicional sopa ou a plebeia assada equivale a desperdiçar os seus condimentos empregados, além do tempo e do feito, pois a preparação resulta nauseante, e até os cães, só de cheir-la, arroçam o focinho despretivamente.

A que atribuir um tal desfecho? Parcialmente conhecemos as causas em que faltar a inferioridade do pão que actualmente se fornece; e, não há muitos dias, tivemos ante a vista, nesta publicação, uma amostra da farinha que as padarias é fornecida pela magem: Só o exame dessa amostra de farinha, arida, putrefacta e mal cheirosa, absolutamente deteriorada, explica já a putrefacção do pão, dela oriundo. Há no caso uma desonestidade, uma fraude, uma burla a pedir castigos severíssimos, a requerer punição exemplar que remeta os criminosos envenenadores da população a normas de conduta menos desvergonhadas e

NOTAS & COMENTÁRIOS

Andará? Quando anteontem, pelas 15 horas, começavam a aparecer as primeiras pessoas para assistir ao comício no Parque Eduardo VII, a chuva e o vento principiam por fazer as suas, resultando uma inundação de água incontrolável que, apesar da nossa boa vontade, tivemos, os poucos que ali nos encontrávamos, de abandonar o desamparado. Ontem, em compensação, o dia esteve bom e o sol acanhado.

Ninguém tem tita da cabeça que aqui não obra do Baptista. Andará?

Pão Como noticiámos, o tipo único de pão deve ser manipulado em forma de caceté para que nos seja apresentado bem cozido e saboroso, o que muito beneficia o peso.

Porém, em cada dia que passa, mais cedo se vai tornando o pão, e, portanto, menos cozido: para pesar mais, farteando vão aqueles que com mais emagrecendo.

A Comuna Mais um baluarte acaba de ser audaciosamente erguido na segunda cidade deste país de miséria, para a defesa dos oprimidos — A Comuna. Recebemos anteontem,

MEMORANDUM

No ano da graça de mil novecentos e vinte (da era cristã), sob o regime da República, a qual, no artigo 13.º da respectiva constituição política, votada aos dezasseis de Junho de mil novecentos e onze, estatui que «a expressão do pensamento, seja qual for a sua forma, é completamente livre, sem dependência de censura, censura ou autorização prévia; presidindo as instituições republicanas o cidadão doutor António José de Almeida, antigo jornalista; sendo presidente do ministério o coronel de infantaria António Maria Baptista e ministros: da justiça, José Ramos Preto; das finanças, Francisco de Pina Esteves Lopes; da guerra, José Estêvão Aguiar; da marinha, Joaquim Pedro Vieira Júdeice Bicher; dos estrangeiros, Xavier da Silva; do comércio, Aníbal Lúcio de Azevedo; das colónias, Fernando Pais Teles de Mota Machado; da instrução, Vasco Borges; do trabalho, Bartolomeu de Sousa Severino e da agricultura, João Luís Ricardo; não estando suspensas as garantias constitucionais e funcionando as câmaras dos deputados e senadores — exerce-se a censura sobre o diário operário «A Batalha», órgão, na imprensa, da Confederação Geral do Trabalho de Portugal, e também sobre alguns outros jornais diários — não todos os que se publicam em Lisboa — censura de que se desempenha um agente da Polícia de Segurança do Estado, na respectiva repartição do governo civil.

Para que bem possa ser exercida a referida censura é diariamente cercada, por polícias civis e da Segurança do Estado, a casa da máquina, onde a Batalha é impressa e logo que a supracitada máquina é posta em movimento vai um dos agentes da Segurança exigir do impressor um exemplar, parando em seguida a máquina, que só pode fazer a impressão do jornal quando o censor, por escrito, ordena a sua livre circulação. Se, porém, o supramencionado censor, na plenitude dos seus poderes que o governo lhe confere, entende, não se esclarecido critério, que o jornal não deve circular, assiste-o a fazer sentir verbalmente ao representante do proprietário da máquina de impressão, sendo, após essa ordem, inodada a mesma oficina pela polícia, que «passa rigorosa busca às suas dependências, apreendendo quaisquer exemplares que encontra».

Tudo isto se faz sem protesto, antes por indicação do poder executivo, com o consenso de todos os outros poderes do Estado: o legislativo e o judicial, devendo acrescentar-se que quando o deputado Augusto Dias da Silva, na sessão de vinte e dois de Abril, pretendia, em negócio urgente, a câmara a que pertence tratasse de apreciar a situação da imprensa aliada por tam singulares medidas, todos os representantes do povo soberano, menos vinte e um, receberam, em câmara, tal proposta com a interjeição desdenhosa de: «Ora, ora!».

NOTAS & IMPRESSÕES

NÃO NOS DEIXEM A PELE!

Positivamente, se nos fôssemos a voltar com a série de naifadas que a todo o momento se dão nas liberdades chamadas públicas, não sei por que carga de água; com todas as injustiças que a cada passo, e até contra o bolso do cidadão, se praticam, não havia tempo para outra coisa, nem a persistência despolítica dos de riba nos dava margem a mais ocupação que não fosse a de moer-mos os ligados numa eterna indignação que eles acabariam por achar cómica. Com efeito, a gente não teria mais a medir. Quando estivéssemos quasi curados duma pouca vergonha, o que não se falaria muito tempo porque as grandes impressões passam por nós como gato por brasa — catrapuz — cáis — noutra cima que não nos deixaria tomar o fôlego. Felizmente, as calamidades sociais deste engraçado país — que também pode ser o bérço de Camões ou o jardim da Europa — já não indignam ninguém, o que é uma grande coisa, pois se succedesse o contrário não havia quem tivesse cara de gente. Se nem nos deixam tomar pé... Em cada dia que passa, em cada hora, em cada minuto se registam atropelos, iniquidades que os da governação, supondo ter nas mãos a cornucópia da Fortuna, fazem desabar sobre as nossas cabeças, brancas aos vinte e cinco anos. Ele são as leis de excepção (com licença de vossa senhoria), são as prisões em massa, são os fuzilamentos, são os decretos sobre o pão, é o encerramento de associações, é a censura prévia, é o barateamento da vida, é o diabo a quatro e tudo o mais que se omite por causa da falta de espaço e da liberal meza censória.

Depois de todos estes flagelos, e como se eles não fossem suficientes, chegam agora, muito à surreia, notícias frescas de Santo Amaro, sítio muito pitoresco e frequentado, onde reside o sindicato de comparticipar na obra supranaturalmente humanitária que governos, municípios e parlamentos há alguns anos a esta parte contra a rapaziada, tem vindo perpetrando com admirável élan. O que os meus amigos naturalmente ignoram são as condições em que o poderoso inquilino daquelas paragens vem colaborar na tarefa, pouco recomendável mas bastante lucrativa, de nos levar a pele. Naturalmente ignoram, porque isso interessa pouco, mas eu conto em duas palavras.

A Companhia Carris de Ferro — que todos nós muito respeitamos e enriquecemos — não intuito de bem nos servir, como tem sido sempre sua norma, propõe-se apresentar-nos com vários melhoramentos que, realmente, há muito deveríamos disfrutar. Assim, reconhece ela, e eu também, a necessidade de construir diversas linhas, entre as quais uma na rua dos Fanqueiros, outra de Sete Rios a Carnide e, segundo me consta, outra que vá da rua da Regueira à Costa do Castelo. Compromete-se também a criar carros económicos para

O operariado afirma-se

Bela demonstração operária

Quando tudo fazia prever que a manifestação do 1.º de Maio, este ano, devia dar uma nota bem significativa da marcha do movimento operário de Lisboa, porque ele, na parva intensão de esmagarem ou fazerem desviar do fim que alveja, tem sido objecto duma perseguição teimosa e mais que violenta, estúpida e covarde, uma alteração do estado atmosférico da natureza, que coisa alguma respeita, e que permanece muda a todas as queixas, a todos os rogos e a todos os protestos, soberana, despótica ou benéfica, para cuja tirania de nada valem a nossa dialectica e a nossa acção revolucionária, dama inabordable ou condescendente, conforme as manifestações da sua estrutura, a cujo mecanismo cegamente obedece, a ingrata deitou-nos por terra toda a nossa esperança de vermos o operariado mostrar a fé que o anima, a consciência que já possui, acorrendo numericamente ao comício do Parque Eduardo VII.

E tanto esta nossa esperança tinha razão de ser, que os nossos governantes, embora por motivos bem diferentes, cogitaram que a assistência devia ser apreciável e que o brilho que a manifestação revestia devia ser digno de nota, pois que, fizeram cercar de grandes forças de polícia de várias espécies o local destinado ao comício.

No meio deste desconsolo uma coisa ficou, apesar de tudo, a atestar a vitalidade da organização proletária: o aspecto da cidade semi-morta era acanhado, pois, além da atmosfera habitual que o dia de anteontem apresentava, estavam estancadas todas as fontes de vida, que só a energia dos trabalhadores alimenta e fecunda.

A manifestação de solidariedade operária de anteontem ficou bem vinculada ao aspecto da cidade e para o qual soberbamente concorreram os nossos camaradas gráficos dos jornais e os da viação eléctrica, pois não se publicaram jornais nem circulou um só carro eléctrico, sendo este facto de uma alta importância, pois é bom que se saiba que os nossos camaradas dos eléctricos, não trabalhando anteontem, deixaram de ganhar o equivalente a dois dias de trabalho, o que, nestes tempos que vão correndo, é altamente significativo. Também a paralisação no Tejo foi completa.

Isto vem demonstrar que quando os operários querem tudo conseguem, o que devia merecer à burguesia um pouquinho de atenção, pois que a sua insolita atitude só pode concorrer para apressar o «querer» do proletariado.

O mau tempo não permitiu que se realizasse o comício

A ingrata natura roeu-nos a corda, a nós e ao governo; a nós, porque privou-nos de mostrarmos mais uma vez, em público e razou, que as perseguições estúpidas produzem um efeito contra-productivo, que só serve para fazer afervorar o sentimento de revolta entre os trabalhadores, despertando até, pelo ruído que originam, muitas consciências, que sem isso permaneceriam desinteressadamente dormindo o sono do desinteresse mais criminoso por tudo o que é belo e justo.

Além disso, porque, sem dúvida, albergava o desejo de mostrar às forças vivas do país, que tam dedicadamente vem servindo, que continuava alerta, bem desperto, para esmagar as reivindicações dos escravos que se permitem o luxo de querer ser homens, para o que lhe serviria de pretexto a mais pequenena alusão um pouco mais subversiva.

Mas se tudo isto era altamente despondente para uns e outros, para nós, que escrevemos estas linhas descoloridas e trópegas, a quem o amigo redactor principal teve a infeliz ideia de encarregar de fazer a reportagem do comício, quasi nos exultou, pois a chuva impertinente, que nos ensopeava, vinha tirar-nos de sérios embaraços. Isto de pôr em letra redonda, com expressão fotográfica, todo o relevo duma grandiosa e movimentada assembleia, é para aterrozar, e nós já maliziámos a hora em que nos metemos nestas aventuras de jornalista operário, voltando o nosso espírito para os saudosos tempos em que borrvamos portas, em que não tínhamos maiores preocupações que as que resultam da falta de trabalho.

Mas, o obsecador mas de sempre, não nos deixaram por muito tempo gosar o engano de alma ledo e ego em que estávamos de nos safar à reportagem do comício, porque os camaradas da U. S. O., ante a impertinência da chuva, sob que estiveram algumas centenas de operários, resolveram, pela impossibilidade de se poder permanecer em tal situação, realizar, na sede da C. G. T., uma sessão de propaganda, isto é, efectivar de alguma forma o comício.

Foi já sob uma chuva violenta, que o nosso camarada secretário geral da U. S. O. se decidiu a mostrar aos assistentes a necessidade da retirada, o que era bem evidente, pois já estavam todos bastante encharcados, convocando-os para uma sessão que se ia realizar na sede sindical, pois não se podia deixar passar em silêncio uma data que tanto impulso tinha dado à organização operária.

E assim, deviam ser quasi 16 horas, debaixo de todos os debaixo de água e fustigados pelo vento, a caminho da Calçada do Combro, onde chegámos com as roupas e o calçado numa sôpa.

Realisa-se uma sessão na sede da U. S. O.

Cheias umas duas salas da sede sindical, deu-se início à sessão, presidindo o camarada Alfredo Pinto, secretário geral da U. S. O., sendo secretários os camaradas Aleixo de Oliveira, da Federação de Calçado, Curos e Peles e Armando Martins, dos Empregados da Carris de Ferro.

Aberta a sessão pelo presidente, que explicou a razão porque ela se realizava, demonstrando a necessidade que o operariado organizado tinha de erguer a sua voz reivindicadora, para manter em respeito o patronato, deu a palavra ao camarada Aleixo de Oliveira, da Federação da Indústria de Couros e Peles, que atacou, recordando as vítimas do crime de Chicago, a exploração que o capitalismo exerce sobre os que tudo produzem, apoiado pelos governos de todos os partidos. Explica qual deve ser a atitude do operariado em face das prepotências dos governantes, incitando os trabalhadores a não desfalecer na luta encetada pois que o futuro pertence aos que trabalham. Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral da C. G. T., faz uma larga exposição, que infelizmente a falta de espaço não nos permite acompanhar devidamente, o que sucede com outros oradores. Manuel Joaquim de Sousa diz que é neste dia que a classe operária realiza o seu balanço social cada ano, constatando-se, infelizmente, que os resultados não são lisonjeiros como seria necessário, devido a deficiências que aponta; a guerra, resultando das ambições comerciais e industriais, veio agravar o desequilíbrio que já existia, tendo desaparecido na voragem guerreira não só milhões de vidas, como também grandes reservas de produtos.

A burguesia deseja a intensificação da produção para conseguir o equilíbrio financeiro, deitando mão de tudo para o conseguir; daí as suas violentas perseguições contra as greves e a organização operária, elaborando leis de excepção, como se fez actualmente em Portugal. As nossas ideias não há dúvida que tem avançado, mas até hoje nada se tem conseguido de prático.

Que ante a tendência regressiva da burguesia é preciso que todos trabalhem, pois é bom que a organização não se resume simplesmente na existência das sedes e no trabalho dos militantes, na crença que estes é que devem emancipar-se, é bom não esquecer a velha máxima: «a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos mesmos trabalhadores».

E' preciso que todos trabalhem não só para a obra da emancipação, como mesmo para a conquista das regalias imediatas.

Santos Arranha, da indústria mobiliária, fez um entusiástico discurso de ataque, com voz forte e clara lança um vigoroso protesto contra a acção criminosos dos governantes, que não repararam que o monstruoso crime de Chicago, longe de fazer recuar o proletariado, mais concorreu para acelerar a sua marcha; explica o último movimento grevista da sua classe, que resultou consolador pela tenacidade que os grevistas demonstraram durante todo o movimento, que de maneira alguma foi uma derrota para a classe.

Armando Martins, dos Empregados da Carris de Ferro, saúda os assistentes e folga por representar no seio dos camaradas a adesão da sua classe à manifestação do 1.º de Maio, pois a paralisação dos eléctricos foi completa; a classe vai-se elevando, adquirindo dia a dia mais consciência. Protesta contra todas as injustiças praticadas pelos governantes, que só tem acção para perseguir os operários.

Delílim Silva, da Federação do Livro e do Jornal, faz um vibrante discurso, condenando ironicamente a acção dos políticos, especialmente os que se dizem socialistas, que pretendem lançar poeira nos olhos do povo, ao mesmo tempo que o escarnecem e atraíam, pois nem sequer são capazes de fazer um ataque sério a atitude do governo, como sucedem com a célebre lei de excepção. E' preciso que nos organizemos fortemente e nos preparemos para a revolução que os nossos camaradas da Rússia iniciaram.

Alfredo Lopes, da Federação da Construção Civil, fala da greve geral que a sua classe ultimamente declarou, que longe de resultar uma derrota, foi uma vitória moral da construção civil, contra a qual todas as violências se praticaram, sendo presos não só muitos operários, como encerradas a sede do sindicato único e das secções. Faz uma crítica violenta às arbitrariedades do governo, incitando os operários a organizarem-se e a orientarem-se no sindicalismo revolucionário.

Jacinto Rufino, da União das Juventudes Sindicistas, diz que pertence aos novos substituir os velhos camaradas na luta e na propaganda; as autoridades perseguem as juventudes porque elas são antipatrióticas e antimilitaristas, o que longe de constituir um crime, é antes uma honra, pois se o antipatriotismo e o antimilitarismo estivessem devidamente disseminados, a monstruosa guerra que se desencadeou na Europa, e cujas funestas consequências sofremos e todos lamentam, não teria sido possível, porque lhe faltaria a carne para o canhão.

Fala com calor e facilidade, animando os jovens operários a instruírem-se e a aperfeiçoarem-se tecnicamente, pois que eles serão os homens de amanhã.

João Miranda, do Sindicato Único da Construção Civil, expõe com clareza algumas das fizes da greve da sua classe, que de forma alguma foi esmagada, o que causa o desespero dos inimigos da organização sindicalista. Afirma que as perseguições, longe de desanimarem, dão um maior incitamento para a luta; que todos se unam na sua organização e a vitória será mais rápida do que se presume.

Aleixo de Oliveira, da F. C. C. P., volta a falar e explica as especulações que se fazem com a perla e o calçado, atribuindo-se aos operários da sua classe a carestia do calçado, no que muitos trabalhadores infelizmente tem acreditado, quando ela é simplesmente devida à ganância dos industriais e comerciantes.

José dos Santos, da União dos Sindicatos Operários, discursa com vigor e brilho num ataque cerrado às violências do governo; defende com calor as ideias e organização sindicalistas, únicas que podem conduzir os operários à emancipação, porque tantos camaradas tem corajosamente dado a sua vida, como os que em 1887 morreram em Chicago, vítimas do ódio do capitalismo americano.

Fala da chamada nova tática, que só tem o fim de ludibriar o povo trabalhador, pois os políticos são todos iguais, só tem em mira defender os interesses partidários. E' preciso que os operários valorizem as suas organizações e se preparem para a implantação da nova sociedade. Só assim o despotismo deixará de oprimir a humanidade.

Júlia Cruz, fala a seguir, individualmente, lamentando não ver na sala maior número de mulheres, pois são elas, pelo sofrimento a que estão condenadas, pelas dificuldades que encontram para conseguir alimentar e vestir os seus filhos e os seus companheiros, que melhor impulso pode dar a obra da revolução. E' triste que os camaradas não o compreendam assim, porque o seu dever é trazê-los a assistir às sessões operárias, porque nas nossas associações não se passam coisas que não se possam ver; o que é condenável é velas nos animatogramas e nas «bichas».

A camarada Palmira, operária extraordinária dos tabacos, expõe as fases da luta litânica que os operários extraordinários da Fábrica de Tabaco vem sustentando, constantemente estorvados pela acção dos governantes e dos magnatas da Companhia.

A' mulher é quem mais sofre, pois é que governa a casa e tem de apresentar a comida, não se incomodando a maioria dos companheiros com os vexames que elas sofrem nas bichas, contra o que protesta com veemência.

Francisco Viana, metalúrgico, quer levantar a sua voz contra a atitude da maioria da classe operária, pois não cuida da solidariedade como era preciso, lembrando que se encontram ainda muitos camaradas presos por motivo dos últimos movimentos grevistas e que chegaram há dias, expulsos do Brasil, mais alguns camaradas que a polícia encerrou, sem a menor justificação, nos calabouços da república.

E' preciso que a classe operária encare com consciência a situação, não esquecendo aqueles que tudo dão pelo bem comum, se quer conquistar com dignidade o que lhe pertence.

Alfredo Pinto, ao encerrar a sessão, dá explicações sobre a acção da U. S. O., durante o largo período das perseguições governamentais, tendo-se feito quanto foi possível dentro dos recursos do organismo que representa.

Sobre este assunto, Alfredo Lopes apresentou o seguinte alvitre: «Que a U. S. O. faça a máxima propaganda sobre o que são as greves defensivas, em todos os sindicatos, onde possa realizar sessões para isso convocadas».

Nesta sessão, que decorreu com o maior entusiasmo, sendo saudados constantemente a C. G. T., a U. S. O., os sindicatos únicos das diversas indústrias, a Batalha, a revolução russa, a solidariedade do operariado internacional, foi aprovada por unanimidade a moção da U. S. O., que devia ser apresentada no comício, e que inserimos no nosso último número.

Em 21 horas quando se encerrou a sessão, no meio de grandes ovacões apesar de ter durado quatro horas e todos se encontrarem bastante encharcados pela chuva.

Os nossos camaradas da Associação dos Empregados da Companhia Carris de Ferro, pedem-nos que publiquemos o seguinte:

Aos Empregados da Carris de Ferro

Presados camaradas: A comissão administrativa do vosso sindicato, não podendo esquecer a maneira brilhante

Antero de LIMA.

